

# ***A BORDO DA VIDA***

Livro 25

*Escritos Fenícios*

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial  
*Gilberto Strunck*

Capa  
*Dia Comunicação*

Produção gráfica  
*Dia Comunicação*

Dedicado à minha neta  
Carolina Ferraro Hallal

Roberto Curi Hallal

Roberto Curi Hallal



## ***DABKE***

Dançando o Dabke de mãos dadas, os libaneses fazem uma corrente que convida à solidariedade, seus movimentos harmônicos dão ao conjunto uma mobilidade coordenada. Unidos fraternamente na mesma meta permitem a alma festejar o som da música dispensando a competição.



## ***A CASA***

A casa estava cercada de memórias, as peças não estavam vazias, registrada na despensa um farto conjunto de grãos anunciando a presença do oriente. Um centro de mesa de prata registrava haver estado presente na festa de casamento dos meus pais, o canto do rádio ainda repercute a voz que descreve a notícia relevante. Ali ficou para sempre registrada a palavra, a leitura dos livros incorporadas como uma metáfora estrangeira guardada nos mesmos corações que ainda

as alberga. Atrás de cada lugar, a festa e o luto nos mantinham informados e golpeados pelo destino. O ventre da minha mãe oferecendo a influência modelando a natureza. Cada um de nós esperando em fila o cuidado nosso de cada dia, a ternura emprestada ao citar os nossos nomes. Não precisávamos usar máscaras porque nos revelávamos diariamente dispensando práticas clandestinas. Evocadas as ternuras, a bondade se exibia nos olhos das crianças e nas mãos dos adultos que insistiam em acariciá-las, enquanto a incidência de instrumentos reativava valores ensinando-nos que ali se cabiam ali muito mundos. Couberam em nossos futuros o Brasil e o Líbano, nós forjados amantes de ambas raízes.



## ***O TRIGO ESCONDIDO***

O trigo escondido no vidro, guardado no armário da cozinha, a caldeira do fogão a lenha, ali água quente depositada, permanente naquele ambiente, um vidro

com nabo colorido pela beterraba disputava o mesmo espaço com azeites, azeitonas e um precioso zatar elevando os aromas reunidos. Quem comparece àquele lugar assiste um cortejo de apetites dispostos, saltando de um prato a outro, do fogão à panela.



## ***OS SILÊNCIOS DAS CARAVANAS***

Como nos silêncios das caravanas, os imigrantes libaneses carregam milenares culturas, seus silêncios são algo mais do que ausências, remetem à uma ancestralidade que as palavras não alcançam dimensionar.

## ***LUZES DISTANTES***

Luzes distantes sempre remetem à pátria, do outro lado as luzes sempre parecem estar ao alcance, volta e meia desaparecem para ceder lugar a excessos de iludidas certezas alimentando provisórias alegrias.



## ***INTERIORES***

Embarcado naquele porto, entendi que deveria conviver intimamente por 50 dias com aquele navio que me conduziria a terras estranhas. Desde o convés, uma enorme âncora recolhida via na minha expressão, uma escuridão no olhar e um gosto de cinzas na minha despedida. Saudades aglomeradas disputavam um lugar na multidão de vazios novos. Caminhei 50 dias com os olhos encravados entre as estrelas e o mar. Experimentei pessoalmente que nas despedidas se perdem pedaços, se desmoronam interiores.



## *CARAS*

Los exilados, guardam histórias clandestinas superpostas, suspensas no tempo como espelhos transportadores das rotas que escreveram sus destinos. Eles eram mais felizes no passado, apontam as coisas de quando não sabiam o novo idioma, entre caras e caretas acreditavam fazer-se entender animando-se a um vocabulário que migrava da mão esquerda para a direita repetindo o gesto que inventava uma migração de sinais descoordenados, uma mera troca de intenções com que imitavam encontros. Discretas tolerâncias lhes faziam passar por interlocutores daqueles monólogos.



## *APRENDIZES DE NEGÓCIOS*

Aprendizes de negócios e armadilhas, concluíram seus negócios, antes que uma ninfa bailarina encenando com as mãos um convite que lhes despertasse no corpo alguma festa, expressando contentamento.

Um carrossel de novidades sem fim, sem discursos, movimentos repetidos, uma aparição que só apresenta um encontro antes de uma partida, agitando um lenço, anunciando uma ida sem retorno na travessa que levava ao porto.



## ***OS FILHOS DO ISOLAMENTO***

Os filhos do isolamento tecnológico amam as máquinas, se alimentam delas, dormem com elas e sentem suas ausências como lutos. Os filhos das máquinas contemplam nelas o mundo, elas retribuem suas dedicações com imagens que fertilizam o espetáculo da encenação vigorando a ficção como a nova realidade e a alienação compartilhada com milhares de desconhecidos amigos. Os filhos do isolamento tecnológico esperam novas remessas prometendo avanços naquele refletor de narcisismos desassistidos.

## ***NOCIVOS APARELHOS***

Seus filhos pequenos não necessitam de fones; sim de música, de contatos familiares, de que lhes contem histórias, de presenças mais do que presentes. Que lhes ofereçam valores imateriais, afetos, sintam-se olhados, não olharem tantas telas, precisam de mãos, de afagos, abraços, incentivos, horas e convívios familiares, ocupar-se com abraços e fantasias que componham seus sonhos, que se os inclua na realidade, moderando a ficção incentivada.



## ***COM O PASSAR DO TEMPO***

Com o passar do tempo, nos primórdios dos diálogos, os silêncios foram substituídos por gestos que apontavam para algo importante a ser destacado, deslocados os dedos nivelavam um determinado desentendimento dando um fio condutor que girava em torno das imaginações postas em jogo. Alternando curiosidades

instalaram-se códigos, legitimaram encontros, intercâmbios promissores dando significados ao desconhecido mundo do outro, advertências, limites, prazeres apetecidos, novos sabores, quais caminhos para alcançar o outro lado, novas formas, novas cores, as distâncias entre o deserto e o mar.



### ***SOAM AS VOZES DO PASSADO***

Soam as vozes do passado, não se fazem ouvir por qualquer ouvido, selecionam ouvintes, medem as percepções e a acolhida, trazem notícias adiadas, afetos omitidos, recados segregados, agonias adiadas, suspeitas confidenciadas, permissões impedidas, declarações de isenção, pedidos de socorro, recados jogados no lixo, cartas desviadas, testamentos ocultados, a prova do crime e a confissão de amor abrigadas numa infinita solidão. Aquelas vozes inventaram os ecos.

## ***ORDENANDO AS LEMBRANÇAS***

Ordenando as lembranças em ordem alfabética fracasei ao tentar colocar um limite nas emoções antigas. Guardando as características de cada uma delas, foi possível ver a singularidade oferecendo uma saída abreviada para as tantas vidas ali vividas. Diferentes versões colocadas ao alcance sem distinguir claramente o que foi cada originalidade ali acontecida. Aquelas lembranças estavam autorizadas a variar, copiando a vida sempre imprevisível, fazendo orações enlaçadas com as anteriores num rosário de contos versados em memórias familiares. Nem sempre a versão correspondeu à concreta, não há coincidência entre uma e outra entremeadas pelo tempo que não acompanha o fato, melhora o ponto acessível acompanhado das emoções que cada uma evoca. As palavras deram as mãos aos fatos numa atitude de ajuda escapando aos perigos de algum descuido meu que as jogasse no poço do esquecimento.

## ***A DOR***

A dor foi tão intensa que a saudade aprendeu a esperar.



## ***AS OBRAS***

As obras do homem não são dele, são de todos os homens, do acúmulo de vivências, da soma de experiências, da construção da inteligência que evolui na luta pela sua solicitante sobrevivência.



## ***NIVELAR***

Este é o renascimento da força dos plantadores de cedros, dos remadores das naus, dos inventores do alfabeto, da cordialidade de nivelar idiomas entre povos.

## ***FIEIS AOS ANCESTRAIS***

Fieis aos ancestrais que perpetuaram o encontro humano, lhes declaramos a amizade, a admiração e quando sentimos falta recuperamos em lembranças e palavras que declaram que o amor fala por nós, que estamos de festa com a vida, anexados aos ânimos de suas performances enquanto vivos.



## ***LIBANO PRESENTE***

Hoje eu vi o renascimento da força dos plantadores de cedros, dos remadores das naus, dos inventores do alfabeto, da cordialidade de nivelar idiomas entre povos. Vi mãos oferecidas como almas coincidentes, como vozes harmônicas, como convites profundos, sem volta, sem promessas, plenos de certezas, como um ato que corrobora uma certeza adiada, mal compreendida. Vi alegria na corrente, a esperança devolvida. Há presente nesta iniciativa, há passado nessa fortaleza, futuro a ser construído.

## ***PENSANDO***

Pensando bem, tudo o que medi com a alma me fez um radical. Sem mais, divorciado da utopia, me situo entre a miséria imposta e a opulência fascinante, entre uma solidão selvagem e uma multidão desacompanhada.



## ***O FIM SERÁ***

O fim será estar-juntos, escutar música, comemorar, contar histórias, ouvir o silêncio, um meio de experimentar estar juntos, colher da vida o que ela nos ofereça.



## ***FALHAS***

Temendo as falhas, nos valemos de estratégias para evitar despedidas e ataques, ofensas, rendições, providenciamos uma despedida que procure no término nos livrar da mútua rendição. Toda saída se vê dificultada porque nunca é fácil aceitar a desistência, entregando-se tudo o que resta até ter-se a certeza de que não há nada mais a fazer.



## ***REFÉNS***

Reféns da vida, circulamos entre o nascimento e a morte buscando amar e ser-amados, para afastar-nos da dor e do medo.

## ***EPICURO II – A PRUDÊNCIA***

“... a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia.; é dela que originaram todas as demais virtudes; é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência beleza e justiça, e que não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade.”



## ***EPICURO O FUTURO III***

“Nunca devemos nos esquecer de que o futuro não é nem totalmente nosso, nem totalmente não nosso, para não sermos obrigados a lhe esperar como se estivesse por vir com toda a certeza, nem nos desesperarmos como não estivesse por vir jamais.”

## ***VIRTUDES***

Há muitas virtudes esperando uso.



## ***CADA CÉLULA***

Cada célula nossa carrega vestígios de todos os nossos antepassados  
devemos a eles quem somos, portanto, somamos orgulhos reproduzindo suas experiências, positivas e negativas, tentando em nome da nossa gratidão dizer aos quatro ventos nossas memórias.

## ***SOU***

Sou do barro, do pé do cedro, da montanha que abriga o sol e guarda a lua todas as noites, que produz a água e vive no mediterrâneo, que inventa músicas, ouve uivos e adoça a vida com uvas e figos. Sou feito da terra, do sangue, das raízes, das esperas, das partidas. Sou a beira, o centro, o colete que segura a bala, a esperança que lê, o futuro que responde.



## ***SECAREI OS MARES***

Secarei os mares para alcançar-te, eu pobre em rotas, buscador dos teus portos, te ofereço quase nada, um pequeno barco, remos, uma vela rasgada, uma aventura que nem eu mais acredito. Se não te alcançar, saiba que fui para te encontrar.

## ***REPRISO***

Repriso o que acolhi e que cuido como o melhor de mim, embora com algumas discordâncias. Tudo passa por uma soma de ingenuidades superpostas que acredito eternas: penso que ainda estão existindo em todas as casas, em todas as pessoas.



## ***CONFIABILIDADE***

A confiabilidade não se constrói com promessas.

## ***SAUDADES***

As pedras enamoradas dos cedros, a neve adormecida nos costados cuidando o mediterrâneo, as oliveiras pacientes, engravidadas, com as raízes na terra abraçadas. As noites nos portos vazios urgentes, iluminados por uma insistente lua beijando as águas até o amanhecer, salgando os amores de lágrimas deixadas por toda a madrugada, pelos libaneses ausentes.



## ***FRAUDAR***

Extinguir a memória com desaforo, eliminar a paixão, desencantar, desencaminhar, cessar de arder, parar de crer, banir os vínculos. Exumar pai e mãe, jogar a família na sepultura e no esquecimento. Falsificar, adulterar, infamar. Minta, fuxique. Instigue, indisponha. Atemorize, humilhe.

## ***ARQUIVO***

Há feridas por fechar, sustento um resto de fôlego, diante do oportunismo uma solene dignidade restante, passou diante de mim e resolveu não permanecer, desconcertada busca albergue no arquivo central das minhas memórias tentando resgatar um tempo que não ficou documentado, ali presente estavam a vida viva e as pessoas que não eram personagens, nem coisas.



## ***PRECONCEITO***

Muitos projetam suas culturas nos demais e tiram conclusões precipitadas.

## ***RESPEITAR***

Respeitar é homenagear, ser testemunha dos valores do outro.



## ***RECEITA PARA FAZER O DANO***

Para disseminar o dano: responsabilidades escassas, má distribuição, na falta de respeito sempre haverá um juízo pessoal, comparação depreciativa, artifícios para negar o mérito alheio.



## ***MOMENTO***

Vivemos um momento de múltiplas solicitações. A dispersão e a vasta quantidade de informação contribuem com a construção da individualidade acrítica, entretanto, nem sempre colabora com o autoconhecimento resultante de um tempo dedicado a conhecer e a pensar sobre si mesmo, tampouco sobre as singulares fragilidades e fortalezas. Assim como o estabelecimento de um contato interno com as próprias ideias e convicções. Sendo este o suporte sobre os quais nós apoiamos o propósito deverá promover esforços para ajudar a avançar na aventura de aprender a saber quem se é e as consequências disto na vida.



## ***OBSOLETO***

Os Valores pouco considerados são vividos como algo obsoleto, fora de serviço, será natural buscar substitutos. Que utilidades terão num mundo descartável? Onde todos e tudo são substituíveis sem memória e sem afeto

e sem lembranças, sem vínculos, sem compromissos? Um viver sem lutos, afastado das dores, com emoções controladas e vertidas sem autopromoção e “cópias singulares” onde se arremedam com ares de novidade e se copia por falta de criatividade, de uma falta ainda mais sentida a familiar que da identidade e sentido à existência e ao existir.



### ***PARA ALGUNS***

Para alguns a desordem tem o mesmo valor que a ordem.



### ***THURMAN***

“O universo não é uma coleção de objetos, mas uma comunidade de sujeitos.”

## ***PROCURA***

Estive a procura de valores onde ninguém achava que eles estivessem. Queria ir fundo em lugares tão inusitados onde ninguém ache nada sobre eles. Pesquisar essa curiosidade humana é tão frágil quanto perguntar sobre a moradia do impossível. Não aceito respostas comuns. Essa pesquisa contém riscos. É mais fácil ela acabar que seguir ganhando vida.

Uma vez exposta a proposta, a primeira pergunta que me fazem, deveria ser a última: Quanto custa? Nunca sei dizer, depende da moeda: Dinheiro? Hora/vida? Esperança? Partilha? Fraternidade? Compaixão? Colaboração? Incentivo? Parceria? Apoio?

Roberto Curi Hallal

